



MEMÓRIA E IDENTIDADE: A FESTA DE NAVEGANTES NA *MUY HEROICA VILLA*

Alessandra Buriol Farinha¹

Resumo

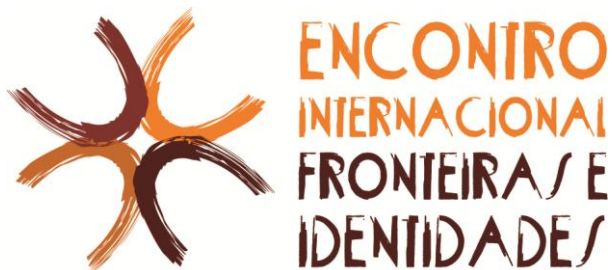
As festas religiosas envolvem diversos elementos que perpassam o patrimônio, a memória, a identidade e a história de um determinado lugar. Este trabalho tem como objeto a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte – RS e sua relação com a memória e identidade local. O objetivo é refletir sobre a influência da devoção, da prática religiosa no cotidiano, seus reflexos e impactos na comunidade. O município foi colonizado por açorianos, e até a atualidade tem sua principal atividade econômica relacionada à pesca e à agricultura. O método de pesquisa é análise de referências e entrevistas semi-estruturadas com habitantes locais, que direta ou indiretamente relacionam-se com os festejos. Dentre os produtos gerados em uma festa, o mais significativo é a produção de memória e de identidade no tempo e nos espaços sociais (GUARINELLO, 2001, p. 972). A festa ativa a memória dos moradores da cidade, reforça as tradições culturais, o sentimento de identidade e pertencimento coletivo. Londres (2010, p. 12) afirma que o valor de um bem cultural é legitimado através da comunidade, é ela que dá sentido, representação ao bem cultural. Nesse contexto, ela se torna um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva.

Introdução

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte – RS. A Festa de Navegantes envolve diversos elementos que perpassam o patrimônio, a memória e a história do lugar, os quais nos ajudam a entendê-la como um fenômeno social, ao mesmo tempo em que a epistemologia das ciências históricas nos ensina sobre a importância do estudo das festas para a compreensão da sociedade, valores, comportamentos, relações, crenças. O principal objetivo é refletir sobre a influência da devoção em Navegantes, sobre a prática religiosa no cotidiano, seus reflexos e impactos na comunidade.

A primeira Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte foi realizada no ano de 1811. Idealizada por trabalhadores do mar, operadores de carga e descarga de navios, pescadores, dentre outros, os quais iniciaram um movimento de

¹ Universidade Federal de Pelotas. Mestre e Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural. Bolsista CAPES. alefarinha@yahoo.com.br.



festividades religiosas em veneração à Virgem dos Navegantes. Desde aquela época, quando o tempo permitia, a procissão fluvial dirigia-se a Rio Grande, pelo canal do Norte, chegando à povoação de pescadores, onde estes devotos recebiam a bênção litúrgica e após regressava a São José do Norte (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO JOSÉ DO NORTE).

Em participação nas Festas de Navegantes de 2013 e 2014 pude acompanhar as fases que a compõem. Após missa, a Imagem da Virgem, juntamente com a imagem de São José e Sagrado Coração de Jesus, deixa a Matriz São José até o cais do porto, embarca, navega pelas águas da Lagoa dos Patos e retorna. Após o desembarque, ocorre a procissão terrestre pelas ruas do centro histórico da cidade, regressando para a Matriz, onde há a bênção final e apresentações musicais.

Os diversos momentos da festa são caracterizados com orações, louvores, cânticos, banda musical, pagadores de promessas e grande festa popular. Pode perceber que participam do evento o clero, autoridades civis e militares, trabalhadores do mar, Capitania dos Portos, idosos, crianças, jovens e adultos de variadas idades, a maioria com vestes da cor branca e azul, dentre outros agentes sociais. Os participantes ocupam as ruas do centro histórico, a praça, a Matriz São José, os barcos, as bancas de alimentação e *souvenirs*, dentre outros espaços que envolvem os festejos a Nossa Senhora dos Navegantes. Foi identificado também grande movimentação de turistas, devotos de outras cidades.

Pode-se aferir a importância da pesquisa sobre a Festa de Navegantes no viés da memória, importante fato social local, e mesmo assim foi verificado que não há pesquisas científicas sobre este objeto, o que de certa forma justifica o estudo. A festa ativa a memória dos moradores da cidade, reforça as tradições culturais, o sentimento de identidade e pertencimento coletivo. Londres (2010, p. 12) afirma que o valor do bem cultural é legitimado através da sua relação com a comunidade, é ela que dá sentido, representação ao bem cultural. Nesse contexto, ela se torna um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva. O tempo da festa é também fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992).

Em São José do Norte as principais atividades econômicas são a pesca e a agricultura. A vida, o trabalho dos habitantes está ligado às águas, às tradições marítimas, seja



na pesca ou simplesmente na travessia através do canal para a cidade mais próxima, Rio Grande. Os estudos sobre a Festa de Navegantes podem apontar e reforçar aspectos da identidade dos habitantes desse município, contribuindo para elevar a auto-estima dos habitantes do lugar, sensibilizando-os sobre a importância de seus bens culturais, seus ofícios, tradições, história, memória e contribuindo para a preservação. O método utilizado neste trabalho foi qualitativo, com pesquisa bibliográfica, descrições de impressões de incursões *in loco*, durante as últimas duas festas de Navegantes de São José do Norte, 2013 e 2014.

Navegantes, memória e identidade em São José do Norte

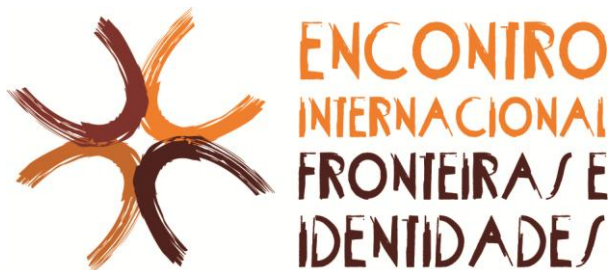
São José do Norte encontra-se em uma península situada entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, sentido N-S, extremo leste do Rio Grande do Sul. Foi colonizada por portugueses açorianos a partir de meados do século XVIII e nesta cidade, assim como em outras regiões do estado, esses imigrantes deixaram traços de identidade, práticas culturais, folclore, religião, costumes, dentre outros, que se misturaram com traços culturais já existentes, que estabelecem a vida e as atividades dos habitantes locais até hoje. As principais atividades econômicas são a pesca e a agricultura.

Conforme já dito, festeja-se em honra de Nossa Senhora dos Navegantes desde o ano de 1811, e a comemoração permanece ocorrendo na cidade anualmente, no dia 2 de fevereiro, estando em sua 204ª edição, sendo assim a mais antiga do Estado. Desde o ano de 2008 é considerada Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.

Comemorar, do latim, *commemorare*, significa trazer à memória, fazer recordar, lembrar junto, a união de pessoas para relembrar fatos passados. A comemoração se apropria de um tempo histórico, construindo e transmitindo a memória. A Festa é comemorada, é uma rememoração que sintetiza os valores de uma determinada comunidade, construindo “a crença” ou memória social.

A festa é uma produção do cotidiano, ação coletiva que se dá em um tempo e lugar, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto celebrado e comemorado, cujo produto principal é a força coercitiva dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Toda festa é uma estrutura de poder que se inscreve na memória coletiva e individual dos participantes (GUARINELLO, 2001, p. 973).

A memória, por sua vez, alimenta o sentimento de nossa continuidade (CANDAU, 2009, p. 46). De acordo com Ricoeur (2007, p. 108), é à memória que está vinculado o sentido



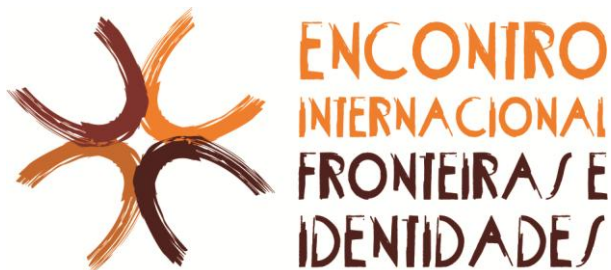
de orientação na passagem do tempo, do passado para o futuro, seguindo o tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, da expectativa à lembrança, através do presente vivo. Através da memória viva dos depoentes da pesquisa, será possível materializar o passado, mas também as expectativas com relação ao futuro.

São pontos de referência de nossa memória individual que a inserem na coletividade a que pertencemos. Como no exemplo de Santo Agostinho, citado por Ricoeur (2007), a memória é pessoal e através dela nos situamos social e espiritualmente. De acordo com Halbwachs (1990), a memória coletiva é formada por várias memórias individuais. A memória coletiva significa a interpretação compreensiva da realidade, uma análise causal da memória. Neste projeto a interpretação da realidade, a análise de como se difundem as memórias da Festa de Navegantes se dá principalmente através dos depoimentos.

A memória coletiva pressupõe um acontecimento real vivido em comum. Halbwachs (1990) enfatiza que nada seríamos se não fizessemos parte de uma comunidade afetiva. De acordo com ele, a memória individual existe, mas está enraizada dentro dos quadros diversos que a coletividade coloca. As lembranças se formam a partir das molduras sociais, se formam a partir de meu trabalho, minha família, minha comunidade, meu meio social (Halbwachs, 1976). Portanto, não é o passado que sobrevive, mas a representação que se faz dele. Considera-se que as memórias da festa estão relacionadas às atividades cotidianas dos devotos, do trabalho, da família, da casa, relações sociais, rotina da vida. A crença pode estar relacionada às dificuldades, ao sentimento de gratidão, de proteção ao longo do ano, que se materializa na festa.

Um exemplo desta intrínseca relação é a proximidade da cidade de Rio Grande e a relação de dependência de São José do Norte em termos de empregos, abastecimento atendimentos de saúde e outros. Para chegar até lá é preciso atravessar o canal Miguel da Cunha, algo rotineiro para os habitantes de São José do Norte e/ou seus familiares, que muitas vezes, mesmo sem trabalhar diretamente com a pesca, são obrigados a navegar a trabalho, estudo, compras, atendimento médico, dentre outros motivos.

Desta forma, em seu cotidiano, os moradores de São José do Norte vivem em função das águas, da navegabilidade, sua subsistência depende deste aspecto, intrínseco em sua identidade cultural. De acordo com Hall (2006), aspectos de nossa identidade se originam do pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais. Conforme o

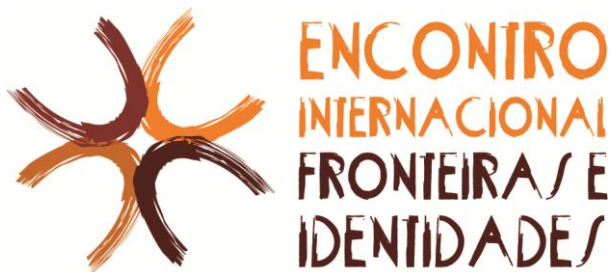


autor, a identidade cultural é dinâmica e deriva das condições atuais da sociedade que estão "fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais" (HALL, 2006, p. 9).

A reflexão que se estabelece neste contexto é a relação dos moradores e/ou de seus familiares com as águas e como este fato pode se relacionar com a identidade de devoção e fé em Nossa Senhora dos Navegantes. A memória precisa de "pontos de apoio", suportes para sobreviver. A memória se apoia em espaços, lugares, ruas, edificações, objetos, são os chamados pontos de apoio da memória (HALBWACHS, 1990). De acordo com Nora (1984) para que um lugar seja chamado de lugar de memória, deve estar permeado por significados, afecções de um determinado coletivo. Os lugares de memória são estruturas de apelo para a identidade de grupos ou indivíduos (CANDAUI, 2009, p. 48).

Pode se afirmar, portanto, que a memória e a identidade se concentram em lugares, considerados lugares privilegiados, que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo (CANDAUI, 2011, p. 156). Sobre a noção de espaço, pode-se citar Sayad (2000, p. 12), que afirma que qualquer espaço é, por definição, um espaço nostálgico, um lugar aberto para todas as nostalgias, carregado de afetividade. A descoberta desses lugares, de seus significados, dos sentimentos da comunidade com relação a Festa de Navegantes pode recuperar a historicidade deste fenômeno social.

Na análise de algumas das oralidades das Festas de Navegantes de 2013 e 2014 percebeu-se que as honras a Virgem Maria se deviam ao agradecimento pela boa safra de pescado ou agrária, pela vida, pela boa saúde, pelo bom encaminhamento dos jovens da comunidade em vista do perigo que representa as drogas, a violência, dentre outros. Autoridades locais afirmaram informalmente que a grandiosidade da festa depende diretamente do sucesso das safras de pescado e agrárias. O setor de comércio também financia parte da Festa de Navegantes. Pode-se afirmar desta forma que as atividades cotidianas das comunidades estão em sintonia com a devoção em Nossa Senhora dos Navegantes, considerada a padroeira dos trabalhadores do mar. A devoção, portanto, tem reflexos na comunidade, na vida do cidadão nortense durante o ano inteiro, impactando a identidade social local, as relações profissionais, de camaradagem, e tantas outras interações sociais, que convergem anualmente no mês de fevereiro, na Festa de Navegantes de São José do Norte.



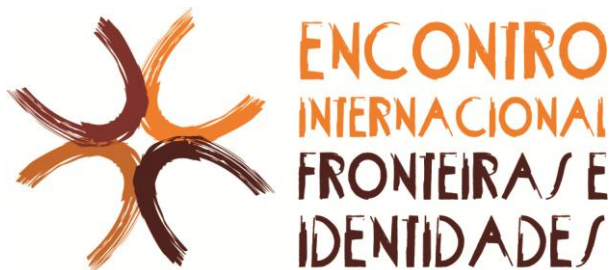
Considerações Finais

As festas proporcionam um conhecimento complexo da cultura local relacionado ao lugar, tradições e memória. São acontecimentos tradicionais que movem as pessoas por motivações psicológicas, devocionais, lazer, enriquecimento cultural, dentre outros. Representam os valores, reforçam as estruturas sociais e ajudam a construir a identidade de um grupo, da mesma forma que pode ser constituída de acordo com as diversas identidades locais, em uma dualidade.

Estas festas, celebrações, rituais de fé, ocorrem em determinados locais, e estes ficam marcados para o coletivo, principalmente os habitantes locais, agindo como pontos de apoio da memória (Halbwachs, 1990), suportes onde esta possa viver.

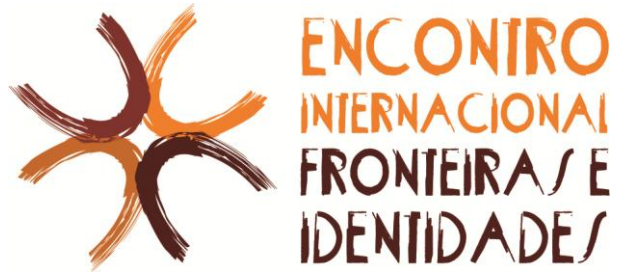
É, portanto necessário que estes eventos, sejam religiosos ou não, sejam estudados de maneira a contribuir para a preservação dos bens imateriais, que são os que mais sofrem com o desprestígio de proteção a partir de políticas públicas. A contemplação do cotidiano, a interpretação dos significados de nossa existência, a valorização de momentos e elementos que nos são de alguma forma importantes, que atribuem sentido a nossa existência, são alguns dos aspectos que esse trabalho nos leva a refletir. Afinal, a gênese, a existência da festa pode ser algo que nos leve a pensar, como sistema de vidas, de trabalho, de tradições, relações humanas, técnicas. Pensar a festa, a cultura, tanto como legado quanto como futuro, continuidade. Válido relembrar a situação de vulnerabilidade da cidade de São José do Norte com relação a mudanças na paisagem, a partir dos investimentos portuários no local, ocasionando possíveis impactos na configuração da vida social.

Verificou-se neste breve espaço que a Festa de Navegantes de São José do Norte, RS possui aspectos materiais e imateriais da memória, capazes de auxiliar na compreensão do valor simbólico do fenômeno social, de sua força coerciva, seu valor como bem cultural, sua relação intrínseca com a identidade social da comunidade. Corroborando com Guarinello (2001), pode-se afirmar que a festa é produto do cotidiano local, uma ação coletiva permeada de emoções, afetos, em torno de um objeto celebrado, e o principal atributo deste sistema é a força coercitiva dos participantes em torno de uma identidade. A festa é a memória viva e a identidade social que emana do patrimônio cultural local.



Referências Bibliográficas

- CANDAU, Joel. *Antropologia de La memória*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.
- CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. *Revista Memória em Rede*. V. 01, n. 01. P. 43 – 58, 2009. Disponível em: <http://lasmic.unice.fr/PDF/candau-article-10.pdf>. Acesso em 11 out 2013.
- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- COUTO, Edilece Souza. Devoções, Festas e ritos: Algumas considerações. *Revista Brasileira da História das Religiões*. n. 01. 2008.
- FERREIRA, Lorene Dutra Moreira. *Festas Religiosas: uma manifestação cultural de Mariana*. Ouro Preto: ETFOP, 2009.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. *O que é Patrimônio Cultural Imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto; CORREA GIL, Ana Helena. Identidade Religiosa e territorialidade do Sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. In: ROSENDAHL, Zeny (org.). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- GUARINELLO, Norberto. Festa, trabalho e cotidiano. In JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) *Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la memoire*. Paris: Mouton, 1976.
- LONDRES, Maria Cecília. *Manual de Aplicação*. Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC, Minc/IPHAN, 2000.
- PELEGRINI, Sandra C. A. Tradições e histórias locais: as esperanças nas bandeiras do divino em São Luiz do Paraitinga (São Paulo – Brasil). *Revista Patrimônio e Memória*, v. 07, n. 1, p. 231-256, 2011. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/199> Acesso em 11 dez. 2012.
- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricas*, v. 02, n. 03, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278> Acesso em 05 ago. 2012.
- POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, v. 05, p. 1-15, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>. Acesso 11 out. 2013.
- PRATS, Llorenç. Patrimônio + Turismo = ¿desarrollo? Pasos: *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v. 01, n. 02, p. 127 – 136, 2003. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/1203/PS000603.pdf>. Acesso em 11 out. 2013.



RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.